

INTRODUÇÃO

É pouco mais que uma obviedade afirmar que o internetês dos *chats* está relacionado ao virtual. Nesse sentido, é importante delimitar o que se entende por virtual e qual é, afinal, essa relação que se apresenta ou impõe como obviedade. É a compreensão dessa relação, por um viés que busca uma aproximação com deleuziano, que evidencia a insuficiência das modalidades oral e escrita como referência para explicar fundamentalmente a linguagem dos *chats*.

O VIRTUAL

No capítulo “Síntese ideal da diferença”, em sua obra “Diferença e Repetição”, Deleuze reflete sobre a distinção entre os termos Virtual, Atual, Possível e Real, os quais Lévy retoma, em seu “O que é o Virtual?” para discutir diversas questões que, principalmente com o advento da Internet, vêm se apresentando.

O uso corrente da palavra virtual pressupõe uma oposição com o real tangível e aproxima o termo das concepções sobre o que é eletrônico e digital. No entanto, por uma abordagem distante do senso comum, não há oposição entre o virtual e o real ou, como diria Deleuze, “o virtual (...) não se opõe ao real; possui plena realidade” (DELEUZE, 1988: 298). Trata-se na verdade de um contraponto entre o virtual e o atual, e entre o possível e o real. Nesse jogo de oposições que se cruzam, o virtual existe como um problema latente, o atual é a resposta criativa a esse problema; enquanto que o real é exatamente como o possível, mas ao último falta a existência, como se fosse uma forma sem uma matéria manifesta em ato. Para os propósitos deste texto, é suficiente focalizarmos o par virtual/atual. Segundo Lévy

o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. (LÉVY, 1996: 17)

Nesse sentido, a atualização é o processo que responde à problematização posta pelo virtual, através do qual os nós de coerções e de finalidades que inspiram os atos se desfazem, havendo uma passagem do virtual, desprendido de um espaço tempo determinado, para o aqui e o agora. Essa dinâmica ressignifica o virtual e o constrói na medida em que o atualiza. Dito de outra forma, a atualização é uma solução de um problema; o tipo de solução que escapa à ordem da seleção, do previamente contido, e que constitui o devir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades. A virtualização é o processo inverso. Segundo Lévy

A virtualização (...) consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma 'elevação à potência' da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade ('uma solução'), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num corpo problemático. (LÉVY, 1996: 17)

O virtual e o possível são semelhantes no sentido de que ambos constituem o pólo latente, em contraste com um pólo tangível (o atual e o real). Em contrapartida eles se diferenciam pelo fato de que o possível é algo que ainda não existe – se existisse seria real, que está no pólo tangível – e cuja realização não envolve um processo de criação no sentido mais amplo da palavra. O virtual, por sua vez, existe – e pode mesmo ser materializado – como nó problemático e, a cada vez que esse nó se desfaz o virtual se atualiza, ou seja, passa do pólo latente ao manifesto através de um processo subjetivo de resolução. Assim, o virtual pode ter várias – ou até infinitas – atualizações diferentes.

UMA RESPOSTA À LINGUAGEM

Alguns consideram que a linguagem em *chats* é escrita; outros, que é essencialmente oral; outros, ainda, que é uma mistura das duas modalidades (uma escrita oralizada). Porém, é de grande brandura pensar a linguagem dos *chats* como resultado de alguma combinação entre a oralidade e a escrita por pelo menos duas razões: (1) as modalidades não constituem um todo que possa ser combinado; e (2) a linguagem dos *chats* não poderia ser simplesmente uma “mistura”, ou seja, não poderia ser apenas um resultado na ordem da seleção, do possível.

A dicotomia oralidade/escrita com frequência resulta em abordagens que distinguem quatro habilidades linguísticas distintas – produção oral, compreensão auditiva, produção escrita e leitura – ou ainda em comunicação oral e comunicação escrita. Essa dicotomia, sabe-se, só pode ter fronteiras mais nítidas quanto a seus diferentes meios de materialidade do texto. Um texto escrito acadêmico que é pronunciado deve ser considerado oral ou escrito?

Ocorre que, na cibercultura, mesmo levando em conta um *continuum* entre oralidade e escrita quanto a concepção de um texto, essa dicotomia não é suficiente para uma compreensão abrangente da comunicação mediada por *chats*. Em primeiro lugar, porque as ferramentas e tecnologias não constituem uma neutralidade que podem mediar a linguagem sem exercer ou sofrer qualquer interferência. Empregar uma tecnologia para determinada ação, não remete apenas à questão da produtividade (fazer mais, melhor e em menos tempo), mas principalmente a uma nova maneira de fazer, uma nova prática sociocultural. Em segundo lugar, “a concepção de heterogeneidade na linguagem e o uso complexo e contextualizado de formas variadas da linguagem em comunidades diferentes inviabilizam o conceito anterior da linguagem em termos das chamadas ‘quatro habilidades’.”¹ Os novos gêneros do discurso, principalmente os que emergiram na cibercultura, não podem ser vistos como resultado da **mistura** de outros gêneros já existentes. Esses novos gêneros são devires, respostas criativas a nós problemáticos da linguagem.

UM MODO DE ESTAR PRESENTE

Na evolução biológica, quando o olho surgiu, evidentemente passou a encarregar-se de algumas funções do tato ou do olfato, mas sobretudo ele fez surgir o universo antes inexistente das formas e das cores, a experiência da visão. (Pierre Lévy, Cibercultura, p. 217)

Antes de tudo, é preciso considerar que, quando falamos em linguagem de *chats*, estamos falando de uma modalidade de linguagem que é (inter)mediada por uma ferramenta: o *chatroom*. Essa mediação muitas vezes é considerada neutra, ou um meio onde a linguagem simplesmente se manifesta. No entanto, toda ferramenta, incluindo o *chatroom*, é agente e responsiva, isto é, modifica e resignifica práticas, ao mesmo tempo

1 Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - PCNEM. Volume 1 - Linguagem, Código e suas Tecnologias. In Políticas de Ensino Médio - MEC. Pág. 103

em que é modificada e resignificada por elas. Dessa forma, não é possível pensar as ferramentas e tecnologias como extensões do corpo e/ou da mente, mas sim como processos devires de faculdades físicas e/ou mentais. Tomemos como exemplo a máquina calculadora. A ação, ou melhor, a atividade cognitiva de calcular é transformada, uma passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior, como em uma espiral dialética. Por um lado, essa atividade cognitiva é separada de um agregado particular de carne e ossos e passa a existir em estado latente na calculadora. O calcular assim é uma ação em estado latente que é a razão de existir da máquina, constitui a essência da calculadora. Essa ação latente não tem qualquer ligação com um aqui e agora porque só existe um calcular que está virtualmente presente em milhões e milhões de calculadoras em todo o mundo e que podem ser utilizadas a qualquer momento. Cada vez que alguém utiliza essa ferramenta, a ação de calcular é manifesta porque cada ato utilizando a calculadora é localizado no tempo e no espaço. Por outro lado, a ação de calcular é reincorporada ao corpo sob a forma de técnica/procedimento/prática. Ou seja, é preciso que o indivíduo seja letrado no uso dessa tecnologia (a máquina calculadora). Nota-se que o termo letramento não se resume ao “domínio” da técnica, mas implica um processo de construção de sentido. Dessa forma, o uso das ferramentas e técnicas é sempre inventivo, resultando em um processo devir das práticas socioculturais envolvidas ou mesmo da concepção das técnicas e ferramentas. Quantas vezes a calculadora já foi reinventada?

Se toda ferramenta modifica fundamentalmente a ação/função que medeia (ao mesmo tempo em que é modificada), não podemos conceber que as invenções técnicas permitam simplesmente fazer a mesma coisa de forma mais rápida, com maior rendimento, numa escala maior, ou com mais força. Mais do que isso, essas invenções promovem uma nova maneira de fazer. Essa nova maneira constitui uma nova prática sociocultural, implica o desenvolvimento de novas capacidades, habilidades e funções, ao mesmo tempo em que pode contribuir para a reconstrução, redefinição de outras práticas socioculturais.

Assim, a linguagem do *chat* constitui um gênero² emergente de discurso que não é resultado de uma mistura ou uma combinação híbrida da fala e da escrita, constituindo

² Uso o termo “gênero” conforme Bakhtin (1981).

uma escrita oralizada. Esse novo gênero se desenvolveu a partir do processo de virtualização da presença dos participantes. Entretanto, vários autores tratam a linguagem do *chat* como (1) gênero da modalidade escrita, (2) gênero da modalidade oral, ou (3) uma mistura ou combinação híbrida das modalidades escrita e oral.

Em seu artigo “Correio e bate-papo: a oralidade e a escrita ontem e hoje”, Giordan (2003), ao comparar os *chats* com as assembleias na Grécia antiga, afirma que uma das diferenças “reside na oralidade do evento comunicacional entre os gregos, realizado a viva voz, em contraposição à mediação escrita da comunicação entre internautas.” O critério para estabelecer esta oposição, de forma implícita, está baseado nos diferentes meios de realização textual. Segundo este critério, uma perspectiva dicotômica, fala e escrita são entidades opostas e que se excluem mutuamente, permitindo classificar as interações via *e-mail*, *chat*, carta manuscrita, carta digitada e impressa através de um software de edição de texto, todas em um mesmo grupo, o da comunicação escrita.

A partir de um outro critério, Hilgert³ afirma que a comunicação em *chats* é essencialmente falada.

A elaboração da mensagem, na CINT [Comunicação na Internet], acontece por escrito, por força das características do meio eletrônico usado, mas os interlocutores sentem-se numa interação falada. (...) Apesar da escrita, portanto, a conversação na CINT é concebida como fala, por ser essencial e intensamente dialogal, desenvolvendo-se por meio da alternância de turnos.”

Esta perspectiva leva em conta as maneiras diversas de concepção de um texto. O autor, baseando-se em outros pesquisadores, define essa noção a partir de condições de comunicação do texto e de estratégias adotadas para sua formulação. Ele explica que, do ponto de vista das condições de comunicação, um texto conceitualmente falado prototípico se caracteriza por

um alto grau de privacidade de intimidade, de envolvimento emocional, de mútua referencialidade, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade entre os interlocutores e, também, por um destacado grau de dependência situacional e interacional das atividades de comunicação, além de um baixo grau de centralização temática.⁴

³ Artigo eletrônico do portal “Por trás das Letras” sem data de publicação. Consultar Referências Bibliográficas.

⁴ Idem.

Já do ponto de vista das estratégias de formulação, Hilgert afirma que

Esse mesmo texto falado seria fortemente marcado por fatores não linguísticos; teria pouco ou nenhum planejamento prévio, fato que lhe daria um caráter de essencialmente 'processual e provisório'; apresentaria uma estruturação sintática 'extensiva, linear e agregativa' e uma densidade informacional diluída.⁵

Segundo essa abordagem, poderíamos agrupar, como comunicação essencialmente falada, cartas informais manuscritas, *e-mails*, *chats*, conversas ao telefone.

Outros pesquisadores, ainda, consideram que a comunicação em *chats* tem características tanto da escrita quanto da fala, em uma mistura ou forma híbrida – Grondelaers (2003), McCleary (1996), Crystal (2001). Também é comum, nessa perspectiva, encontrar termos parecidos com “escrita oralizada”. No entanto, demonstrarei que a articulação dos parâmetros de meios de realização textual com as condições de comunicação do texto e as estratégias adotadas para formulação desse texto é insuficiente para explicar a comunicação em *chats*. Em outras palavras, considerar a comunicação em *chats* como uma escrita oralizada é um reducionismo que tolhe a compreensão sobre a natureza dessa linguagem e o letramento nessa prática sociocultural. Para tanto, é necessário levar em conta a razão de ser dessa linguagem, sua gênese. A análise nessa direção indica que classificar as modalidades de comunicação como falados ou escritos, mesmo que em uma espécie de *continuum* tipológico⁶, é uma simplificação que precisa ser revista.

Expressões como “axar” (achar), “kd” (cadê) e “naum” (não) são geralmente tidas como abreviações ou oralizações. Mas esta explicação é insuficiente no caso de expressões como “axim” (assim), “:-)” (feliz), “:-D” (muito feliz) e “paxar” (passar). A palavra “axar” dá a ilusão de que o “ch” é substituído por uma só letra de mesmo som por uma economia de digitação. Mas essa hipótese não se confirma no caso de “axim”. Se o

5 Idem.

6 Uma referência ao argumento de que “há gêneros tipográficos da oralidade que se assemelham a gêneros tipográficos da escrita e tantos outros da escrita que se assemelham a da oralidade, assim como há tipos de cada uma das modalidades que se afastam dos seus respectivos protótipos, tendo em comum apenas o fato de ser ou do gênero oral ou do escrito.” (BOTELHO, 2004)

propósito fosse apenas abreviar, bastaria escrever “asim” para economizar um “s”. O que há, de fato, é uma convenção segundo a qual palavras com “ss” e “ch” são escritas com “x”. Mais que uma simples abreviação, este tipo de convenção é parte de um processo de distanciamento da escrita. Se a linguagem em *chats* não é escrita, (a não ser quanto ao meio de realização textual) então a ortografia é subvertida, transformada, subjugada para atender as necessidades da prática (ou da comunidade de prática). As abreviações e oralizações passam a ser efeitos desse processo primeiro de transformação ontológica da linguagem. É desse processo que se origina um novo gênero do discurso.

Vejamos mais detalhadamente a diferença “genética” entre a fala, a escrita e o internetês⁷. Assumindo que (1) o surgimento da fala virtualizou o presente na medida em que inaugurou a noção de passado e futuro; que (2) o surgimento da escrita virtualizou a memória quando separou no tempo e no espaço esta função cognitiva; e que (3) o internetês virtualizou a presença, podemos fazer a seguinte análise comparativa.

	meio material do texto	concepção do texto	processo de virtualização
fala	Fônico	<i>continuum:</i> fala-escrita	Presente
escrita	gráfico/visual	<i>continuum:</i> fala-escrita	Memória
internetês	gráfico/visual	<i>continuum:</i> fala-escrita	Presença

A partir desta tabela podemos afirmar que (a) fala e escrita são fundamentalmente distintas uma da outra, mas não simplesmente por causa dos meios de realização textual diferentes. Um texto acadêmico escrito em papel pode ser lido em voz alta e, ainda sim, ser considerado um texto conceitualmente escrito. Os parâmetros “concepção do texto” e “meio de realização textual” se relativizam mutuamente. Assim, a diferença fundamental entre fala e escrita não está aí, mas nos diferentes processos de virtualização envolvidos. Do mesmo modo, (b) a linguagem em *chats* não se constitui por uma combinação entre fala e escrita, apesar de ter características tanto de uma quanto da outra. Essa linguagem tem características que não aparecem nem na fala nem na escrita porque decorrem, todas elas, de uma ontologia que lhe é própria. Podemos perceber facilmente, mesmo

⁷ Termo que se refere à linguagem praticada em chats e que já aparece em algumas enciclopédias eletrônicas, como a Wikipédia.

que intuitivamente, que as relações que se estabelecem via e-mail, por exemplo, são muito diferentes daquelas em *chats*. Os tipos relativamente estáveis de enunciados em *chats* se constituem não apenas para comunicar, interagir. Mas é também através da fala que se faz presente o sujeito. No limite, o sujeito só existe nesse discurso. Constrói-se assim um sujeito que não deve fidelidade ao corpo tangível, ou ao registro da escrita, ou à fala em uma interação face a face. Este discurso do *chat* é impar principalmente porque é ele é a forma material do sujeito virtual que, por sua vez, só existe virtualmente. Essa noção não está distante da idéia de que a linguagem é construtora ou refratora da realidade e não janela para uma realidade objetiva.

Se para Bakhtin (1981) todo gênero possui uma lógica orgânica, a da linguagem em *chats* corresponde a um discurso cuja materialidade é o corpo do sujeito que interage sincronicamente. Esta lógica é entendida e dominada de modo criativo, pelos letrados nessa prática sociocultural, a partir de fragmentos de outros gêneros, articulando-se as características temáticas, composicionais e estilísticas. O discurso no *chat* não é fala, nem escrita. Ele articula traços de uma e de outra, é verdade, mas ele os modifica e resignifica, dando origem a um gênero que não é simplesmente uma mistura ou uma entidade híbrida, mas um devir.

Mais que uma escrita oralizada ou que um um(a) modo(alidade) de(o) dizer, esse *texto* do chat é materialidade, é corpo do sujeito; ponto de apoio para construção de identidades virtuais e que, por isso mesmo, constitui um modo de *estar*, uma presença. A linguagem do *chat* não aproxima as modalidades oral e escrita, mas se afasta delas para reinventá-las ao responder ao problema que a comunicação síncrona à distância em um suporte gráfico/visual impõe, para então vir a ser uma linguagem que, ao mesmo tempo que comunica, marca no tempo e no espaço um corpo presente. Em outras poucas palavras, o internetês é a resposta criativa à problemática criada por um canal de comunicação síncrono, cujo meio material do texto é a escrita.

A partir daí, podemos considerar refutável a idéia de que frases do tipo “pq vc tc axim” estejam “erradas” ou coloquialidades permitidas nesse meio. Enquanto convenção social, a noção de certo e errado precisa de referenciais que sejam aceitos coletivamente pela comunidade considerada. No caso do uso da língua, é aceito que a chamada norma culta é a forma correta e os desvios são vistos como erro. Ou seja, em uma visão sistêmica, heterogeneidade é visto como deficiência, diferença como origem de conflito,

de forma que a busca pela harmonia se confunde com um desejo pela homogeneidade. Essa visão corresponde a um conceito de língua como sistema abstrato de signos, de acordo com o qual os sentidos são decodificados igualmente por qualquer falante da língua (qualquer um que tenha domínio sobre o sistema). O que seria mais democrático do que algo que é igual para todos? No entanto, outras perguntas seriam necessárias: É igual para quem?; Quem decidiu qual variedade linguística seria estabelecida como padrão?.

Ao entendermos a linguagem como prática sociocultural que, portanto, é determinada histórica e culturalmente, não podemos negligenciar a heterogeneidade do uso dessa linguagem. Essa abordagem pode nos ajudar a perceber que é possível ser igual na diferença, isto é, respeitar a diferença ao invés de rejeitá-la, tolerá-la, ou ser indiferente a ela. É preciso compreender e questionar a organização hierárquica das diferenças, da diversidade, da heterogeneidade. Por que determinadas variantes de linguagem têm mais valor social e cultural que outras? Esses diferentes valores são suscetíveis à mudanças ao longo da história? Mesmo a forma de linguagem considerada padrão (a dita norma culta), apesar de sua aparente estabilidade, está sujeita à mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ESCOLA E PROFESSORES

Sem dúvida, essa reflexão proposta neste texto é especialmente pertinente à escola e aos professores. É preciso tomar consciência dos diferentes gêneros textuais, das inter-relações entre esses gêneros e entre variadas modalidades da linguagem (verbal, visual, texto, imagem), desenvolvendo as habilidades de construção de sentido nesses e a partir desses novos gêneros e da multimodalidade. Nota-se que o termo letramento não se resume ao “domínio” da técnica ou à aquisição de uma tecnologia, mas implica um processo de construção de sentido, de desenvolvimento de modos sócio-culturais de perceber, interpretar, interagir, ler. Dessa forma, o uso das ferramentas e técnicas é sempre inventivo, resultando em um processo de vir das práticas sócio-culturais envolvidas ou mesmo da concepção das técnicas e ferramentas. De acordo com Kellner,

Literacy (...) comprises gaining competencies involved in effectively using socially constructed forms of communication and representation. Learning literacies requires attaining competences in practices in

contexts that are governed by rules and conventions. Literacies are socially constructed in educational and cultural practices involving various institutional discourses and pedagogies. (Kellner, 2004: 17)

Na cibercultura, tornou-se mais evidente – e cogente – a necessidade de projetos de letramento e multiletramento. Mesmo no processo de formação de professores para uso de tecnologia na prática pedagógica, o computador é tido como ferramenta, mas pouco ou nada se discute sobre quais práticas socioculturais estão envolvidas, que ações são modificadas, como se dá esse processo e quais são seus efeitos. Trata-se de um utilitarismo que reforça velhos paradigmas conteudistas e contribui para que a educação – a qual, nos modelos atuais, para muitos é insustentável por muito tempo na cibercultura – seja reformada para poder continuar igual. Transformações epiteliais que protegem um cerne conservador. Nesse sentido, analisar as ferramentas e as novas práticas socioculturais utilizadas em sala de aula, mas também em cursos de formação de professores (seja *in-service* ou *pré-service*) torna-se um passo na direção da (re)construção da escola da cibercultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.
- Botelho, J. M. Entre a Oralidade e a escrita: um continuum tipológico. Disponível em www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno07-05.html. Acesso em 02/09/2006
- CRYSTAL, D. Language and the Internet. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DELEUZE, G. Síntese ideal da diferença. In Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- LÉVY, P. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LÉVY, P. O que é o virtual. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- HILGERT, J. G. A Construção do texto "falado" por escrito: conversação na Internet. Disponível em www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/conversacaointernet. Acesso em 20/05/2009.
- GIORDAN, M. Correio e bate papo: a oralidade e a escrita ontem e hoje. In Textos LAPEQ no 2. Faculdade de Educação da USP. Laboratório de Pesquisa em Ensino de Química e Telemática educacional. 2003 Disponível em <http://quimica.fe.usp.br/textos/tics/pdf/correio.pdf>. Acesso em 20/05/2009.
- GRONDELAERS, S. Review of CL2003, the International Conference on Corpus Linguistics. Disponível em www.comp.leeds.ac.uk/bshawar/papers/ELRA_review.pdf e capturado em 01/09/2006. Acesso em 20/05/2009
- KELLNER, D. Technological transformation, multiple literacies, and the re-visioning of education. E-learning, volume 1. Los Angeles, 2004. Disponível em www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays/technologicaltransformation.pdf. Acesso em 20/05/2009
- McCLEARY, L. Linguagem: Entre os Modos Escrito e Oral. Aspectos de uma Modalidade de Discurso Mediado por Computador. Tese de Doutorado. 1996.

SOBRE O AUTOR

Jaime Cará Jr possui graduação em Letras (Inglês) pela Universidade de São Paulo - USP (2006) e é mestrando na mesma instituição. Atualmente é Coordenador de Processos Pedagógicos no CNA Administração Nacional (Franqueador). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de Professores e em Formação à Distância. Vem atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores; relações de poder, efeitos de presença, virtualidade.